
A iconoclastia nas charges¹

Suellen do Carmo²
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

De acordo com Mitchell (2005), “Offending images” ou imagens ofensivas são entidades não instáveis, que possuem a capacidade de provocar prejuízo, dependendo dos contextos sociais. No entanto, elas não são objetos por si só censuráveis, mas algo que exatamente pela forma de representação se torna passível de repreensão ou indignação. Desse modo, a iconoclastia é a contrapartida da população, uma forma de devolução da ofensa anteriormente causada. Sendo assim, as charges e caricaturas são formas evidentes de iconoclastia, ao promoverem a deformação, desfiguração ou mutilação de uma imagem, e principalmente de quem possa estar representado nela. Neste artigo, submeteremos à análise, duas caricaturas com objetivo de compreender melhor o teor iconoclasta presente nelas.

Palavras-Chave: caricatura; charge; iconoclastia; imagens ofensivas.

Introdução

As imagens exercem demasiada influência na forma de vida dos seres humanos, seja por causarem sentimentos como a apatia, o amor e a devoção, ou até mesmo nojo, medo e ódio. Dessa forma, surgem as “offending images” ou imagens ofensivas, que por representarem algo que possua o poder de ofender, são consideradas agressivas, ainda que se trate de uma mera representação.

O tema das imagens ofensivas não tem sido objeto de estudo de muitos autores da área da comunicação, no entanto um dos precursores é W.J.T Mitchell que se dedica a esmiuçar a temática. Em âmbito nacional, Alberto Klein também se constitui como uma importante referência para o entendimento das imagens ofensivas. Ambos os autores se dedicaram a compreensão da natureza das imagens ofensivas, e da forma como elas poderiam causar sentimentos tão fortes nas pessoas, a ponto de atos iconoclastas se tornarem recorrentes, como visto em jornais e revistas, onde imagens são destruídas diariamente.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação imagens e imaginários, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Relações Públicas, mestranda do Programa em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: su.carmo@hotmail.com.br

No entanto, imagens ofensivas não são aquelas que trazem um objeto que nos ofende naturalmente, mas sim, imagens que por sua forma de representação é que adquirem o “poder” de causar ódio e indignação. Nesse sentido, afirma Michthell:

Imagens ofensivas são radicalmente entidades instáveis cuja capacidade para causar prejuízo depende de contextos sociais complexos. Esses contextos podem mudar, às vezes como resultado do debate público em volta da imagem, mais frequente porque o choque inicial diminui, para ser substituído por familiaridade e até afeição. O caráter ofensivo de uma imagem não é escrito em pedra, mas surge da interação social entre uma coisa específica e comunidades. (MICHHELL, 2005, p 131).

Posto isto, é possível compreender que as imagens não ofendem a todos deliberadamente, mas podem ofender de acordo com o contexto, e também, concepções ou princípios dos espectadores.

Portanto, para este artigo o objetivo foi situar a charge, (especificamente a caricatura), como uma forma de iconoclastia, por ser considerada um modo de desfiguração, onde a imagem desaparece e é substituída por uma nova e modificada imagem (podendo ser depreciativa e ofensiva, de acordo com a interpretação realizada). Para a explanação a respeito das imagens ofensivas, baseado na explicação de Michthell e Alberto Klein, serão utilizados procedimentos metodológicos específicos, dentre eles, a pesquisa bibliográfica que, segundo Ida Stumpf, é:

[...] um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2006, p.51).

Baseados ainda em pesquisa bibliográfica, utilizaremos os conceitos de Silva, Arbach, Miani e Agostinho para maior entendimento a respeito das definições de charge e caricatura. Posteriormente, as imagens selecionadas para o trabalho serão submetidas à análise, mediante a análise do discurso chárigo para que seja possível desenvolver uma explanação a respeito da desfiguração na caricatura.

1. Imagens ofensivas

No momento em que o termo “imagens ofensivas” é empregado, imediatamente nos vem à cabeça, imagens que nos causam asco ou nojo, como monstros, fezes ou genitálias. No entanto, essas imagens são objetos censuráveis por si próprios, de forma que não é necessário nem um tipo de representação delas para que se tornem ofensivas.

Posto isto, não são essas imagens que interessam W. J. T Mitchell que em seu livro “What do pictures want”, dedica um dos capítulos para explicar a natureza das “Offending Images”- imagens ofensivas. Neste capítulo o autor deixa claro que o interesse dele ao elaborar sobre a temática citada é compreender o instante de representação das imagens. “É o momento quando tais objetos são colocados ante nós verbalmente e visualmente, representado ou transfigurados por representação, reprodução ou inscrição por estarem sendo levantados, encenados, emoldurados para exibição”. (MICHHELL, 2005, p. 125)

De acordo com o autor, as imagens ofensivas são entidades não instáveis e que possuem a capacidade de provocar prejuízo, dependendo dos contextos sociais. Portanto, se os contextos são passíveis de mudanças ou se há possibilidade de debate em torno da imagem, ela poderá contar com posterior afeição do público.

Após o entendimento sobre o que seriam as imagens ofensivas, Mitchell propõe uma reflexão a respeito de uma indagação: o que traz poder a uma imagem para que ela possa ofender as pessoas? Ou de acordo com as palavras do autor: “o que é, sobre pessoas, que faz delas tão suscetíveis a serem ofendidas por imagens?” (MICHHELL, 2005, p.125).

Na visão de Mitchell (2005), as pessoas se ofendem por imagens e representações, de tal forma que sentem a necessidade de ofenderem essas imagens da mesma maneira, ou até mesmo de modos ainda mais drásticos. Surgem então, os atos de “iconoclastia” - termo originado da união das palavras gregas eikon, que significa “imagem” ou “ícone”; e klastein, que quer dizer “quebrar”, portanto, “quebrador de imagens”. Sendo assim, as pessoas chegam a ponto de destruir algumas imagens, chutando-as, ateando fogo, e degradando-as o máximo possível.

De acordo com Mitchell, “as forças que levam as pessoas a serem ofendidas por uma imagem são invisíveis e imprevisíveis. Mas quando um indivíduo se propõe a ofender uma imagem, a denunciar, censurar ou puní-la, seu comportamento está afora, em campo aberto, onde podemos vê-lo”. (MICHHELL, 2005, p. 126)

O autor acredita que é possível identificar algumas premissas que podem estar no pensamento dos iconoclastas e que, portanto, os levam a praticar atos de destruição. A premissa é que tudo aquilo que fosse feito a uma imagem ofensiva seria feita ao que ela representa também, já a segunda suposição é que as imagens poderiam ter uma energia que as permitissem sentir tudo o que fosse feito a elas.

De fato, as imagens às vezes são pseudo- pessoas não meramente como criaturas sensitivas que sentem dor e prazer, mas seres responsáveis e responsivos. Imagens desse tipo parecem olhar de volta para nós, falar conosco, até mesmo de serem capazes de sofrer e de magicamente transmitirem algum tipo de prejuízo quando é feito mal a elas. (MITCHELL, 2005, p. 127)

Esse fragmento pode parecer absurdo para sociedades modernas que já não possuem devoção às imagens, realizados principalmente no período da idade Média. No entanto, Mitchell (2005) declara que mesmo, sociedades modernas, desenvolvidas e altamente tecnológicas possuem um aparato de imagens “mágicas”, como fetiches, ídolos e totens de diversas espécies, veiculadas pela mídia massiva. A paixão por imagens continua viva, sendo assim, o ódio às representações que causam desconforto está em plena forma. Afirma Mitchell:

Longe de estarem “inofensivas” na era moderna, as imagens são uns dos últimos bastiões de pensamento mágico, e assim sendo, uma das coisas mais difíceis de regular com leis ou políticas construídas racionalmente – tão difícil que a própria parece tornar-se infectadas com o pensamento mágico também, e passa a agir mais como um conjunto irracional de taboos ao invés de um conjunto de regulamentações bem fundamentadas. (MITCHELL, 2005, p. 128)

Na ausência das devidas regulamentações em torno das imagens, o público se incumbe de “solucionar” a situação das ofensas causadas por imagens, através da iconoclastia, comentada acima.

Posteriormente o autor traz uma diferenciação a respeito da iconoclastia, demonstrando suas diferentes especificações: aniquilação, ocultação e desfiguração. A primeira acontece quando a imagem sofre um desaparecimento, tornando-se extinta, como no caso do bezerro de ouro da história bíblica, onde o povo hebreu desobedece à

lei anti-imagens do Senhor e produz uma escultura em forma de bezerro, e momentos após, o líder do povo pede aos fiéis que derretam a imagem, como forma de arrependimento.

Já a ocultação acontece quando a imagem é escondida da visão do público: “O mais curioso de tudo, é a estratégia que nem desfigura ou destrói, mas tenta desaparecer a imagem, escondê-la, cobri-la, enterrá-la, ou escondê-la do campo de visão” (MICTHELL, 2005, p. 132).

Por fim, a iconoclastia pode ser parcial, quando ocorre apenas uma deformação ou mutilação da imagem, causando um ferimento na mesma. Nesse caso, a intenção é que a imagem continue existindo, mas de uma nova forma, degradada. A caricatura, por exemplo, se encaixa nessa categoria de iconoclastia, sendo uma forma de desfiguração da imagem.

De acordo com Alberto Klein (2009) é imprescindível entender que as imagens afetam tanto o público que causam sentimentos pontuais, que vão do ódio ao amor, não existindo meio termo. Dessa forma, é o poder das imagens que está em questão e não apenas o sentimento que é causado por meio destas. Klein afirma, portanto: “Pois, para o iconoclasta, de nada adiantaria destruir imagens vazias ou insignificantes, fosse este o caso, a atitude esperada seria o descaso”. (KLEIN, 2009, p. 1).

Sendo assim, um ato iconoclasta ao mesmo tempo que demonstra o ódio e repulsa a imagem atacada, revela o quanto aquela imagem exerce grande poder e relevância. O indivíduo que pratica a iconoclastia reconhece, sem ter a intenção, a importância daquela imagem, o que se configura como um ato de reconhecimento da imagem e não apenas uma atitude de destruição:

“Contudo, o próprio iconoclasta muitas vezes não consegue se desvencilhar da hipnose da imagem. A medida de violência desferida contra a imagem é ironicamente proporcional ao reconhecimento da medida de poder que ela exerce. O que se inverteu foi o sinal de positivo para negativo nos códigos culturais: não pode ser mais expressão do divino e do sagrado, mas sim, do anticristo, de baal e dos demônios (KLEIN, 2009, p.4)

Hans Belting também reconhece o poder das imagens e declara: “O gênero humano nunca se libertou do poder das imagens, mas este poder tem sido exercido por diferentes imagens, de diferentes maneiras e épocas” (1994, p. 16)

Klein (2009) explica que um dos principais fatores que se deve considerar para o entendimento da iconoclastia ou mesmo da devoção ou culto às imagens, é a mediação. A imagem passa a ser o único instrumento de mediação com o sagrado. Portanto, ela se confunde com o sagrado, se tornando parte integrante deste.

A iconoclastia ocorre da mesma maneira que a devoção, e o problema ainda se encontra na mediação. Porém, neste caso a imagem não pode mediar aquilo que é sagrado. “A mediação, entretanto, se mantém, mas apenas na medida em que coloca a imagem como expressão de enganos, mentiras, dos deuses do outro ou de demônios”. (KLEIN, 2009, p. 2). A relação entre a imagem e aquilo que ela representa é tão forte, que é possível que se entenda as duas coisas como uma só. A imagem e sua representação se aproximam de tal modo que ao ocorrer um ato iconoclasta, o indivíduo tem em mente que destrói aquilo que está representado e não apenas o objeto em si.

2. A charge

Muitas vezes charges e caricaturas são vistas como sinônimos, no entanto, alguns autores se dedicaram a tratar das especificações de tais termos. Desse modo, neste tópico o objetivo é trazer conceitos e definições a respeito das charges e caricaturas, para que se esclareçam os objetos de estudo deste trabalho.

A charge é uma imagem que tem como objetivo realizar uma crítica sobre um fato jornalístico, acontecimento político e social que seja relevante e mereça evidência no momento, sem perder de vista o lado humorístico e satírico. De acordo com Silva (2008) a charge é composta por um desenho ou uma fotografia – que geralmente sofre intervenção do artista seja retocando-a ou inserindo algum elemento verbal ou imagético a fim de torná-la cômica.

Desse modo, afim de que haja verdadeira compreensão de uma charge, é necessário que se compreenda o momento em que ela foi elaborada, pois são os contextos sociais e políticos que podem proporcionar o devido entendimento a respeito. Nesse sentido, Arbach afirma: “o sentido e a função da imagem para a comunicação variam com a época de sua representação. Os contextos histórico, geográfico, cultural e social são determinantes para sua significação”.

Em relação aos elementos que compõe a charge, não necessariamente aparecendo em todas as charges, Miani aponta “a linha, o espaço, o plano, o ponto de

enfoque, o volume, a luz e a sombra, o movimento, a narrativa, o balão, a onomatopeia e o texto verbal” (MIANI, 2001, p. 4). E a partir de então, o autor recorre à ideia de Agostinho (1993), que afirma:

Os elementos que estruturam a charge podem ser materiais - que constituem a estrutura-objeto - ou pertencentes a outros níveis de elementos, tais como: sistema de referência ao qual a charge recorre, ou ainda, aos sistemas de reações psicológicas contidas no desenho. Estes níveis podem também se subdividir em tantos outros, como os níveis de ritmo, de sons, de enredo, de ideologia etc. (AGOSTINHO, 1993, p. 227, apud MIANI, 2001, p. 5).

Miani (2001) afirma que a charge se popularizou em jornais e periódicos, passando a estimular a venda destes impressos, ganhando espaço como material de opinião, e desde os primeiros momentos, dando sinais de seu potencial político e ideológico.

Já a respeito de sua função social, Miani (2001) concorda com Agostinho (1993) que afirma que a charge “se constitui realidade inquestionável no universo da comunicação, dentro do qual não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão”. (AGOSTINHO, 1993, p.229, apud Miani, 2001, p. 4). E nesse contexto, Miani (2001) acrescenta à charge a qualidade:

de se constituir como instrumento de persuasão, intervindo no processo de definições políticas e ideológicas do receptor, através da sedução pelo humor, e criando um sentimento de adesão que pode culminar com um processo de mobilização. (MIANI, 2001, p. 5).

Nesse viés, segundo Miani (2005), a charge é utilizada na sátira política como instrumento de crítica e arma retórica de combate, sendo usada também na defesa e propagação de ideologias e programas políticos. Ou seja, a charge se constitui como uma arma, que em posse da classe subalterna produz uma crítica contundente da realidade, possibilitando que a população compreenda a situação política e social. No entanto, a charge também pode ser utilizada pela grande imprensa e agir fortalecendo a ideologia da classe dominante.

2.1 Caricatura:

De acordo com Miani (2005), a caricatura é um dos elementos chárgicos. Tem como principal característica o exagero de determinadas características e particularidades de alguém em uma imagem, como objetivo de zombar daquele que foi alvo da construção caricata.

A caricatura, por sua vez, vem do italiano “caricare”, que significa carregar, e a maioria dos autores admite que ela surgiu no Renascimento, na Itália com os irmãos Caracci. Carregar, nesse sentido, seria mesmo exagerar, ressaltar certas características do retratado, com intenção zombeteira, ou seja, atacar. Assim, a caricatura prioriza a distorção anatômica, revelando traços da personalidade do retratado. Ela não visa propriamente à crítica, mas o exagero na retratação de algo, podendo causar o riso ou não (GAWRYSZEWSKI, 2008).

Arbach afirma que a caricatura pode ser definida como “aquela imagem em que se carregam os traços mais evidentes de um fato ou pessoa, com a finalidade de levar ao riso”. Porém, ela sempre esteve atrelada a crítica e não apenas a comicidade. Balandier também escreveu sobre os “retratos-charge”, deixando claro o potencial crítico das caricaturas e afirmando que elas ridicularizavam os membros do poder, transformando-os em palhaços:

sobretudo, o retrato-charge que ridiculariza os membros do poder e os transforma em bufões do povo. O imaginário satírico se introduz a sua maneira, no conhecimento do grande jogo da ordem e da desordem, da conformidade e contestação.
(BALANDIER, 1980, p. 37)

Apesar das particularidades presentes na charge e na caricatura, bem como aquilo que as diferencia, podem-se identificar pontos em comum. Ambas utilizam o exagero e a ridicularização como artimanha, onde buscam trazer reflexões sobre determinados aspectos velados até então.

Os referidos elementos devem ser entendidos como instrumentos de luta ideológica, pois os autores das imagens refletem seus valores e posicionamentos

políticos através das composições. Portanto, a crítica presente, geralmente vem com o objetivo de revelar problemáticas e também de esclarecer a população a respeito de pessoas ou instituições.

3. O retrato - charge como forma de desfiguração iconoclasta

Com base nas explicações de Mitchell a respeito da caricatura ser considerada uma forma de desfiguração iconoclasta e também das considerações elaboradas por Klein a respeito da temática, foram selecionadas duas imagens para análise e aplicação de conceitos neste tópico. A primeira publicada no Jornal “A Gazeta”, do Espírito Santo, pelo chargista Amarildo.

FIGURA 1



Fonte: Jornal A Gazeta de Vitória (ES)- 2010

De acordo com Mitchell, a caricatura é uma forma de iconoclastia, ao proporcionar a desfiguração da imagem daquele que é representado. “Às vezes a posição iconoclasta é apenas parcialmente destrutiva, por meio da deformação, desfiguração, desmembramento, decapitação ou outra forma de mutilação que não destrói completamente a imagem, mas a humilha, ou fere de alguma forma”. (MITCHELL, 2005, p.132)

O caso Dilma é interessante para análise, ao passo que muitas caricaturas são elaboradas representando os políticos que governam o Brasil, no entanto, poucas vezes a representação se tornou tão ácida como em relação à Dilma.

Dilma Rousseff é uma política brasileira, nascida em 1947. Foi ministra da Casa Civil do governo de Lula no período de 2005 a 2010. Sendo a primeira mulher eleita para presidir o país em 2010. Foi reeleita em 2014, mas sofreu um impeachment em 2015. Nesse período, as investigações da Operação Lava-Jato, pela polícia Federal prendeu alguns integrantes do governo. Com grande pressão midiática, para que apenas os políticos petistas fossem cassados, a população foi às ruas pedir o afastamento da presidenta, acusada de crimes fiscais. A câmara dos Deputados aprovou o pedido de impeachment no dia 17 de abril de 2016, e em 12 de maio de 2016, sendo aprovado também pelas forças do Senado.

Nesta charge, a ex-presidenta ainda não havia sido acusada de nenhum possível crime ou transgressão, afinal, a representação é de 2010. No entanto, é fácil identificar o teor ofensivo que a imagem possui. Dilma na imagem está sendo controlada por uma mão imensa que vem dos céus e a manipula como uma espécie de marionete. A imagem faz menção ao fato de insinuarem a todo instante que Dilma governava o país de acordo com as coordenadas de Luís Inácio Lula da Silva.

A grande característica das caricaturas é o seu potencial de exagero, geralmente atrelado à questão física. Dilma em quase todas as caricaturas é representada com os dentes totalmente tortos e para fora. A ex: presidenta sempre está mais gorda e baixa do que visto na realidade. Por meio dos artifícios da construção da caricatura e seu apelo satírico, identifica-se a iconoclastia que neste caso foi decisiva para causar a substituição da imagem real de Dilma, pela imagem dela em forma pejorativa.

Em muitas imagens Dilma chega a ser representada como histérica, grosseira, nervosa, ou até mesmo como o verdadeiro satanás. As agressões direcionadas a Dilma não parecem estar apenas no âmbito crítico, que é recorrente no meio. Quando se trata de representações de Dilma, não há limites com a zombaria. O riso não acontece como de costume, ao ficar claro que o que se critica não são as condutas ou possíveis erros que essa mulher tenha cometido, o que estava em jogo era o ataque direto à sua imagem, para que através da insistência ofensiva, o imaginário da população não aceitasse mais sequer olhar para ela, sem que o ódio viesse à tona. Portanto, Dilma teve sua imagem

substituída por essa imagem ridicularizada, elaborada como forma de iconoclastia que a desfigurou totalmente.

No caso Dilma, fica evidente que sua verdadeira competência não foi sequer digna de análise e representações, sua conduta não foi representada nas caricaturas, mas apenas seu exterior foi explorado e demonizado.

Outro ponto a ser levado em consideração, de acordo com Klein (2009) diz respeito a exigência da visibilidade, que consiste na necessidade de uma imagem estar inserida em meio massivo para que ocorra a sua destruição, haja vista que nos dias atuais, um evento apenas acontece de fato, caso seja reportado em nível nacional, do contrário, corre o risco de passar como um evento inexistente. “A destruição simbólica das imagens do outro requer visibilidade e espetáculo conferido pelos meios de comunicação massivos”. (KLEIN, 2009, p. 6). Portanto, no caso das imagens que retratam Dilma, é possível identificar o apelo pela visibilidade massiva, de modo em que as charges foram produzidas em grandes quantidades e veiculadas em muitos meios, inclusive aqueles com importante relevância nacional, como a revista Veja e a Folha de São Paulo. Portanto, para que haja a extinção de uma imagem da imaginação pública, em que o ser representado tenha a sua reputação totalmente aniquilada é necessário que haja certa constância na representação das imagens iconoclastas, nos meios massivos, exatamente da forma em que aconteceu com Dilma.

A próxima caricatura é de Fernando Henrique Cardoso, e foi publicada no Jornal da CUT em fevereiro de 1995, na primeira página do jornal. A charge foi desenhada pelo chargista Hércules.

FIGURA 2



Fonte: Jornal da CUT São Paulo, edição n.154 - fevereiro de 1995.

A imagem acima possui teor ofensivo, e claramente se trata de uma forma de iconoclastia. No entanto, também é possível notar que não há agressão ou ataque à sua aparência, exageradamente nítidos, como acontece nas imagens caricatas de Dilma.

FHC é representado com ar de superioridade e deboche na caricatura, tais características se tornaram uma das marcas registradas das representações do ex-presidente, que era conhecido por governar para a elite em detrimento da classe subalterna. A iconoclastia por desfiguração que ocorre em relação a representação de FHC tem mais relação com as características de sua atuação como presidente e não sua forma física. Dessa forma, as iconoclastias de FHC demonstram quase sempre insinuações de sua posição elitista, de alienação a respeito das questões sociais, de uma não preocupação com a classe subalterna, facilmente identificados por meio de suas expressões faciais: olhar alheio e superior, perdido no horizonte, testa franzida e expressão sisuda. Em outras representações é possível notar FHC espantado com situações que pareciam estar distantes dele, como pessoas em situação de rua, desempregados, dentre outros.

Os próximos itens identificados como ofensivos e que ajudam a compor a intenção iconoclasta na imagem, são as frases que a compõe. Na caricatura, FHC aparece dizendo que quem afirmasse que o Brasil seria afetado pela crise do México era

demagogo. Além disso, ao lado de seu rosto há uma frase: “delirium tremens, pós-tequila”. Ao submeter à análise a charge, juntamente com o contexto em que ela foi publicada, pode se associar a imagem com os conteúdos das matérias que foram publicadas no jornal, que afirmavam que a crise do México afetaria, sim, a economia brasileira. Prova disso foram as medidas que o governo tomou com o intuito de atrair os capitais especulativos que, com receio de ocorrer no Brasil uma crise semelhante à do México, principalmente pelo cenário econômico parecido, apressaram a saída de seus investimentos no país.

Portanto, ao analisar a charge, o que se percebe é que ao dizer que o Brasil não seria afetado pela crise mexicana, FHC estava tendo um “delírio”, causado pelo “efeito Tequila” que atingiu os países da América Latina. Ou seja, ao contrário do que afirmava FHC, a crise na economia mexicana teve reflexos no Brasil, pois o governo teve de aumentar os juros, frear as importações, incentivar as exportações e também, privatizar a companhia Vale do Rio Doce, afim de, sinalizar ao capital especulativo internacional que o mercado financeiro brasileiro era seguro.

MICHELL (2005) explana sobre a caricatura ser uma forma de destruição da imagem, onde ela tem como objetivo atacar sobremaneira o ser representado, para que sua imagem seja deturpada e substituída por uma nova forma. No caso FHC, o ataque parece mais ameno, no entanto, a caricatura cumpre seu papel crítico, ao fornecer elementos ricos para o entendimento a respeito da conduta nociva do ex-presidente.

Por fim, o pensamento de Mitchell se aproxima com o do autor Gawryszewski (2008), que afirma que o objetivo da caricatura política é destruir de maneira simbólica a imagem do inimigo. Portanto, as caricaturas sempre foram usadas para disseminar os ideais políticos daqueles que a elaboravam, pois procuram desnudar o outro. Por fim, Hans Belting (1994, p.461) afirma que a sociedade demonstra, por meio da desfiguração, que não é o bastante remover uma imagem do imaginário da população, e mais, que é preciso degradá-la, quebrá-la e zombá-la, para que seja reiterado o fato de que não há poder na referida representação. Klein (2009) caminha no mesmo sentido de Belting, compreendendo a necessidade de desfiguração para o desaparecimento do poder da imagem.

Considerações finais

Como visto neste artigo, as imagens ofensivas podem provocar prejuízos ou danos aos seus observadores, de acordo com os contextos nos quais estejam inseridos. Dessa forma, nem todo o público se ofende, mas apenas uma parte dele, e para a parcela afetada, a contrapartida são os atos de iconoclastia. No entanto, as formas de iconoclastia são várias, e a que nos interessou neste trabalho foi a desfiguração.

A caricatura é considerada por Mitchell, exatamente como uma forma de iconoclastia, ao proporcionar a desfiguração da imagem de quem é representado, e desse modo, a análise de duas imagens representando antigos presidentes do Brasil serviu como plano de fundo para identificar a forma como ocorre a desfiguração dentro deste objeto.

É possível notar através das análises realizadas que a desfiguração produzida por meio das caricaturas, contribui para a substituição da imagem do político por uma representação satírica, exerce grande influência na opinião pública em relação ao ser representado, e muitas vezes proporciona o desnudamento das intenções verdadeiras dos políticos, favorecendo o esclarecimento e conscientização da população. No entanto, vale ressaltar que nem sempre as caricaturas andam na contramão da manipulação, e em alguns casos as caricaturas possuem a capacidade de influenciar a massa com inverdades, promovendo também, a demonização de alguém (como exemplificado na análise da charge-Dilma).

O que torna polêmica tal análise é a possibilidade de enxergar a necessidade de estabelecer limites para a zombaria. Teria, portanto, um limite para a construção caricata? Nos parece óbvio as intenções de demonização de Dilma, pois havia uma necessidade de apontamentos negativos em torno da ex - presidenta, por meio dos meios massivos. No entanto, até que ponto poderíamos considerar uma produção chágica como “ofensiva demais”? Ao que nos parece, até o momento, não existem elaborações que estabeleçam os limites para as abordagens caricatas, porém, há de se apelar para o bom senso, considerando que a linha entre uma contundente crítica e a demonização, é extremamente tênue.

Outro elemento facilmente identificado é que por muitas vezes os atos iconoclastas acabam causando o efeito inverso ao desejo daquele promoveu a destruição, haja vista que o fato de se dedicar a destruição de uma imagem, revela o quanto o iconoclasta se importa com esta. Dessa forma, ocorre a possibilidade de um ato de destruição se tornar tão relevante na mídia (como é a intenção das iconoclastias

atuais), passando a ser vista e revista incontáveis vezes, a ponto da população passar a cultivar uma imagem que sofreu iconoclastia, como é o caso do World Trade Center, destruído em 11 de setembro nos Estados Unidos da América. Neste caso, literalmente o feitiço vira contra o feiticeiro, pois aquilo que outrora era apenas um prédio, se tornou um dos mais emblemáticos símbolos do país. Portanto, os atos iconoclastas antes de destruírem uma imagem, eles a ressaltam. A possível destruição só ocorre de fato, após a supervalorização da imagem. Sendo assim, em primeiro plano há a exaltação da representação, colocando-a em grande evidência. Neste aspecto, se aproxima a devoção às imagens dos atos de iconoclastia, ao ponto de não interessar mais se há destruição ou adoração, mas sim, o protagonismo da imagem sobre qualquer aspecto.

Referências

- ARBACH, Jorge MtaniosIskandar. **O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico**. São Paulo: USP/SP. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, 2007.
- BALANDIER, George. **O poder em cena**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1980.
- BELTING, Hans. *Likeness and presence*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma**. In: Revista Domínios da Imagem, número 02, maio de 2008, Universidade Estadual de Londrina, 2008.
- KLEIN. **Destruindo imagens configurações midiáticas do iconoclastas**. Revista da Associação Nacional dos programas de pós - graduação em comunicação. v.12, n.2, maio/ago, 2009.
- MIANI, Rozinaldo Antônio. **As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista**. Assis: UNESP/SP. Tese de Doutorado em História, 2005.
- MITCHELL, W.J.T. **What do pictures want?** Chicago: The University of Chicago Press, 2005.
- _____, Rozinaldo Antônio. Charge, uma prática discursiva e ideológica. Charge, uma prática discursiva e ideológica. Anais do 24. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande/MS, setembro 2001 [cd-rom]. São Paulo: Intercom, 2001.